

## MEMÓRIA E CULTURA: SAIRÉ, ESPAÇO DE PODER E CONFLITOS – 1996 A 2004.<sup>1</sup>

Cláudia Laurido FIGUEIRA<sup>2</sup>  
SEDUC/PA  
[Claulaurido@yahoo.com.br](mailto:Claulaurido@yahoo.com.br)

**Resumo:** O presente trabalho analisa as tensões que se estabeleceram entre o poder público municipal de Santarém e lideranças da vila de Alter do Chão no período de 1996 a 2004, quando a prefeitura introduziu mudanças no Sairé, apropriando-se de parte da Festa. A pesquisa é feita a partir da utilização da metodologia da história oral, desenvolvida através de entrevistas com lideranças, professores, artistas e representante do governo. São analisados também os discursos de jornais locais do período que articulados aos depoimentos mostram a Festa como território de poder e conflitos, sendo a memória, instrumento fundamental para compreender as tensões estabelecidas nesse contexto de mudanças.

**Palavras-chave:** Festa. Poder. Tradição. Territorialidade.

**Abstract:** This work focus on the tensions which emerged between the municipal government and the leaders of Alter do Chão village from 1996 to 2004, when the municipal government made changes in the Sairé celebrations and took hold of part of this Feast. This research is made up with the use of the methodology of oral history telling, carried out through interviews with the leadership of the event, teachers, artists and members of the government. Issues from local newspaper from this period are also analyzed, which together with the interviewer declarations describes the Feast like territory of power and conflicts, being thus the memory, a fundamental instrument to understand the tensions caused by this context of changes.

**Keywords:** Feast. Power. Tradition. Territory.

### Introdução

O objetivo deste texto é discutir as tensões que se estabeleceram entre as lideranças locais da vila de Alter do Chão e o poder municipal quando um grupo de professores locais em 1996 propôs a formação da Coordenação do Sairé. Isso desagradou parte dos moradores da vila, principalmente, membros do Conselho Comunitário, os quais sentiram ter a sua autoridade ameaçada. A partir disso, os sujeitos sociais se defrontaram em uma trama em que alianças e conflitos se formaram, trazendo para cena da Festa interesses agregados à idéia de tradição, festa, poder, cultura e territorialidade.

Discutir essa trama é relevante para compreender como professores, lideranças comunitárias, artistas e representantes da administração municipal constroem suas histórias num cenário em que a prática cultural se confronta com interesses políticos e econômicos. De

---

<sup>1</sup> Este artigo surgiu de discussões em torno do trabalho de conclusão do curso de História em 2006. Agradeço ao Professor Doutor Ipojuacan Dias Campos pela orientação e contribuições no debate desse trabalho.

<sup>2</sup> Graduada em História. Professora de História do Ensino Médio da rede de Ensino Público do Estado do Pará.

acordo com Thompson (2001, p. 261), “[...] Somente em circunstâncias, excepcionais as pessoas realmente vão além de suas experiências locais, de seus valores vividos e apresentam um desafio mais amplo”.

Seguir os rastros dos sujeitos sociais e históricos, partícipes do processo de (re) construção do Sairé se faz necessário para compreender o significado das mudanças expressas nos discursos. Nesta perspectiva, a história oral é um referencial metodológico fundamental no processo de construção da história dessa prática cultural. Por isso, é relevante ouvir os depoimentos dos sujeitos sociais envolvidos nessa trama que se estabeleceu em Alter do Chão no período 1996 a 2004, visto que, “[...] a história não é apenas sobre eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também sobre como são eles vivenciados e lembrados na imaginação” (THOMPSON, 2002, p. 184).

Partindo desse pressuposto, a história também está relacionada à maneira como os sujeitos sociais vivenciam e lembram os “eventos, estruturas ou padrões de comportamentos”. Assim, os depoimentos dos professores locais, coordenadores, artistas, lideranças comunitárias e ex-representantes do governo são “evidências” que expressam as tensões entre o poder local e poder público municipal.

Os depoentes foram escolhidos a partir da pesquisa em jornais: “Jornal de Santarém e Baixo Amazonas” e “Gazeta”, publicados em 1996 e 1998, que mencionavam nomes de lideranças comunitárias de Alter do Chão e representante do governo municipal. Outros depoentes inseridos na pesquisa foram indicados pelos primeiros entrevistados. As entrevistas realizadas nas residências dos depoentes seguiram um roteiro de questões abertas, o que permitiu a inserção de suas histórias de vida nos relatos.

O ato de recordar é um processo ativo, por isso, nos depoimentos dos moradores antigos é expressiva a presença de múltiplos tempos, principalmente quando relembavam o ano de 1973, momento em que o Sairé foi reativado após trinta anos proibido pelas autoridades eclesiásticas de Santarém desde 1943. Essas lembranças reafirmam a trajetória dos moradores da vila como construtores de uma prática cultural que em 1996 foi reorganizada a partir da lógica de mercado<sup>3</sup>, que transforma a festa em espaço de compra e venda de produtos e serviços, e dos interesses políticos do poder municipal, instigando conflitos entre antigos moradores *versus* professores e representante do poder público.

Considerar a visão e os sentimentos dessa gente comum pode recuperar, mesmo que de forma parcial, a história do Sairé, levando em conta o posicionamento sobre as mudanças

---

<sup>3</sup> Na lógica de mercado a Festa é transformada em evento e atrai empresários, vendedores, barraqueiros, representantes de bebidas dentre outros que oferecem seus produtos e serviços aos visitantes e turistas.

introduzidas na Festa. Os jornais pesquisados, principalmente “Jornal de Santarém e Baixo Amazonas”, não expressava as tensões estabelecidas entre o poder público e lideranças locais, destacando somente as ações do governo municipal.

Dessa forma, as narrativas dos sujeitos sociais serão discutidas como documento, pois são fontes relevantes para a produção do conhecimento histórico, que, articulados aos discursos dos jornais podem evidenciar as tensões entre o poder público e as lideranças locais da vila de Alter do Chão que dinamizaram a história do Sairé.

Assim, objetiva-se fazer uma rememoração do período de 1996 a 2004, período do mandato do então prefeito de Santarém Joaquim de Lira Maia, que implementou mudanças substanciais na Festa as quais não foram aceitas passivamente pelos comunitários. Mas, antes de concentrar as reflexões sobre esse período, é relevante discutir como foi construída a relação do poder público (prefeitura) e moradores da vila de Alter do Chão quando essa prática cultural foi (re) reconstruída em 1973.

## **1 “Uma nova forma de administração da festa”: o poder público e o Sairé**

*A terra dos Sardinhas vai promover no próximo mês de junho uma grande festa folclórica na qual serão revividas as tradições da Velha Tupaiulândia, guardadas na lembrança daquela gente hospitaleira e boa.*<sup>4</sup>

“Uma grande festa folclórica”: assim o Sairé foi definido pelo Jornal de Santarém. O ano de 1973 é um marco na história dos moradores de Alter do Chão. Ao reativarem a Festa rompem com o silêncio e afirmam sua identidade. Materializar as lembranças foi um desafio para esses comunitários, dispostos, naquele ano, a reconstruir uma prática cultural a partir das narrativas dos antigos moradores. Desafiados pela necessidade entoaram o som da folia. As rezadeiras cantaram a ladainha marcando a trajetória dos moradores que recriaram sua cultura e mostraram às autoridades que a vila tinha um patrimônio imaterial significativo.

Se em 1943 os jornais silenciaram diante da proibição da Igreja, em 1973, não faltaram adjetivos para enaltecer a iniciativa dos comunitários de Alter do Chão ao “reviverem” o Sairé, assim, o “Jornal de Santarém” noticiava esse momento:

*[...] a Comunidade de Alter-do-Chão vive os últimos instantes do grande Festival Folclórico que lá se está realizando desde o dia 20 de corrente, com grande movimentação. O ponto alto do festival gira em torno do SAIRÉ que está sendo revivido com mastro, labarda, Sairé, saraipora, capitão, sargento, alferes, rufadores,*

<sup>4</sup> Jornal de Santarém. Santarém, 31 de março de 1973, p. 04.

*juizes e mordomos, destacando se também as danças de Lundu, Marambiré, Valsa Ponta-de-lenço, Desfeiteira, etc.*

*O Sr. Prefeito Municipal deverá estar seguindo às 8 horas de hoje, estando com o regresso marcado para o dia de amanhã, após o encerramento do grande festival que está prendendo a atenção de muita gente que se tem deslocado para a centenária Vila dos Sardinhas, a fim de ver a aplaudir aqueles que estão fazendo reviver uma das maiores tradições daquela localidades.*<sup>5</sup>

No “grande Festival Folclórico”, o Sairé é o centro da Festa. Personagens, símbolos e danças ressurgem nesse cenário. Os moradores mudaram a rotina da vila a partir dessa reconstrução da festa. Segundo o jornal, não faltaram convidados, dentre os quais estavam o “prefeito municipal”, “Dr. Everaldo Martins” que aliado ao governador do Estado, Fernando Guilhon, viabilizou a instalação da luz elétrica, a construção do cais na orla fluvial e a abertura da estrada em Alter do Chão. Essas ações indicam o interesse do poder público municipal em desenvolver atividades turísticas na vila como informa o Jornal de Santarém:

*Encontra-se em Santarém desde ontem o preclaro Fernando José Leão Guilhon [...] em companhia do Dr. Everaldo Martins, prefeito do município [...] a comitiva governamental seguirá com destino à vila de Alter do Chão, onde assistirá à inauguração do novo sistema de iluminação da vila turística.*<sup>6</sup>

A vila tornou-se um local de negócios vinculados ao turismo, devido apresentar paisagem natural, como a praia que encantava os visitantes. O poder público se faz presente na década de 1970 ao viabilizar a infra-estrutura. Dona Tereza Lobato lembra esse momento:

*Em 73, eu pedi renovação do Sairé, [...], não tinha a participação do pessoal da cidade, uns três anos nós fizemos a festa do Sairé só nós, depois que foi já participando a prefeitura, quer dizer ela participou desde o começo, mas assim só com fio de lâmpada, essas coisas, quando terminava a festa a gente juntava e levava de volta pra ela, era participação da prefeitura.*<sup>7</sup>

Retornar a década de 1970 é relevante para compreender como foi construída a relação entre a comunidade de Alter de Chão e o poder público municipal da cidade de Santarém. As evidências indicam que este se fez presente em 1973, porém sua função restringiu-se à infra-estrutura, não interferiu na Festa.

O turismo, empreendimento viável aos novos negócios em Santarém e Alter do Chão ganhou expressividade, tornando-se alternativa de lazer e negócio devido as suas belezas

<sup>5</sup> Jornal de Santarém. Santarém, 23 de junho de 1973, p. 03.

<sup>6</sup> Jornal de Santarém. Santarém, 15 de janeiro de 1972, p. 04

<sup>7</sup> Informação fornecida por Tereza Lobato, em Alter do Chão, em dezembro de 2006.

naturais. A comunidade se articulou e reativou suas tradições, assim, personagens<sup>8</sup> ressurgem para compor a encenação do ritual religioso, composto da ladainha e procissão da busca dos mastros. O símbolo do Sairé reaparece agregado à Coroa do Divino. O sagrado e profano se confundem, não há limite rígido entre eles, são indissociáveis, por isso, rezar era tão importante quanto dançar. Dona Lusía Lobato lembra das danças criadas em 1973 para animar o Sairé: “[...] a gente começava por Curimbó, nos dançávamos Olundum, Desfeiteira, dançava Marambiré, Marabaixo [...] a gente criou a Valsa da Ponta do Lenço. A gente se apresentava muito bonito”.<sup>9</sup>

As evidências expressas nos jornais e nos discursos dos depoentes indicam que em 1973 a relação entre poder público e lideranças comunitárias não eram conflituosas, e a intenção da prefeitura era transformar Alter do Chão em vila turística, por isso suas ações estavam voltadas para esse fim.

Passados vinte três anos, os professores locais consideraram que o Sairé precisava de uma Coordenação para organizá-lo e o Conselho Comunitário entendeu que essa proposta retirava substancialmente o seu controle sobre a Festa. O depoimento de Mauro Vasconcelos expressa consideravelmente a tensão entre os comunitários:

*[...] nós professores começamos a pensar que o Sairé estava sem coordenação. Na época era o Conselho comunitário que coordenava a Festa, não existia comissão do Sairé. Em 96 a gente teve uma reunião na escola. A gente foi fazer uma avaliação da Festa [...] e a gente achou que deveria ter uma comissão que tomasse a frente da Festa com presidente, com secretário, com diretores de marketing, uma comissão com dez a quinze pessoas pra organizar a Festa.*<sup>10</sup>

Nesse processo de luta pelo controle da Festa a idéia do antigo e novo, de tradição e moderno, emerge nos discursos dos comunitários. Os moradores antigos entendiam a mudança como “outra tradição”, como destaca Edilberto Ferreira,

*Eu sei que foi um reboiço total, porque nós estávamos compondo a chapa. Éramos jovens, inclusive o nome da chapa era Renovação e eles acharam que estava havendo uma cúpula contra os idosos, uma outra tradição do Sairé.*<sup>11</sup>

Os professores articularam uma chapa e concorreram à eleição da Coordenação em 1996. O nome da chapa era bastante sugestivo: “Renovação”. Os antigos interpretaram que as novas idéias redirecionavam a Festa, segundo interesse do poder público como destaca

<sup>8</sup> As personagens que fazem parte do Sairé constituem-se de juiz, juíza, saraipora, mordomas, mordomos, troneira, procurador, procuradeira.

<sup>9</sup> Informação fornecida por Lusía Lobato, em Alter do Chão, em agosto de 2006.

<sup>10</sup> Informação fornecida por Mauro Vasconcelos, Alter do Chão, em novembro de 2006.

<sup>11</sup> Informação fornecida por Edilberto Ferreira Costa, Alter do Chão, em outubro de 2006.

Laudelino Sardinha, “O Lira Maia foi eleito prefeito em 96, ele não aceitava de jeito nenhum a gente coordenar a Festa e a partir de 97 o Conselho Comunitário deixou de coordenar Festa. Eles criaram uma comissão”.<sup>12</sup>

Sob calorosos debates a Coordenação foi eleita em 1996, e contava apenas com uma chapa, composta por professores locais. Para alguns moradores, a comunidade deixou de participar das decisões que envolviam o Sairé como relata Laudelino Sardinha:

*[...] até a vila deixou de coordenar a Festa do Sairé [...] então foi um novo modelo de administração da Festa e passou a ter uma coordenação com pessoas bem ligadas ao prefeito, então com isso a comunidade deixou de participar [...].*<sup>13</sup>

O “novo modelo de administração da Festa” constituiu em uma nova etapa na história do Sairé, pois a prefeitura passou a interferir na sua organização através da Coordenação eleita, composta em sua maioria por professores da rede municipal.

Essa discussão traz à tona a legitimidade das instituições – Conselho Comunitário e a nova Coordenação. Desde 1973, o Conselho, o juiz e a juíza organizavam e administravam o Sairé. Com a criação da Coordenação, os comunitários tiveram seu poder restrito à administração das vendas nas barracas e do ritual religioso. É expressivo o ressentimento de moradores, como de dona Lusía Lobato, ao lembrar que “[...] antigamente quem coordenava era o juiz e a juíza. [...] Quando depois o juiz não dava conta talvez de fazer, eles arranjaram essa Coordenação”.<sup>14</sup> De acordo com Galvão (1995, p. 59), o juiz era “[...] um festeiro que organiza as comemorações e levanta o dinheiro necessário ao seu custeio”. O autor ao analisar as comemorações de santos em Itá no Amazonas destaca duas categorias de juizes, o juiz do mastro e o juiz da festividade. Em Alter do Chão existem o juiz e a juíza, ambos exercem a função de festeiros.

Em 1996 o poder público municipal não restringiu sua ação em benfeitorias estruturais, como ocorreu em 1973, mas interferiu na Festa, agregando-a ao mercado de lazer, forjando com parte dos moradores da vila, uma nova concepção do Sairé enquanto Festival Folclórico a semelhança do que ocorre em Parentins.

Segundo Mira (2004, p. 436), os anos 80 são marcados pelo crescimento da indústria de turismo e lazer e as festas reelaboradas são produtos da tradição rural, oral, popular e religiosa. Seguindo essa perspectiva de análise, o Sairé pode ser entendido como uma festa

---

<sup>12</sup> Informação fornecida por Laudelino Sardinha, em Alter do Chão, em setembro de 2006.

<sup>13</sup> *Ibidem*

<sup>14</sup> Informação fornecida por Lusía dos Santos Lobato, em Alter do Chão, em agosto de 2006.

popular que na década de 1990 foi reorganizada a partir dos interesses comerciais de lazer, transformada em produto turístico.

Nesse contexto de transformações, lideranças locais e poder público municipal disputam o controle da Festa e o espaço antes administrado pela comunidade foi transferido para a prefeitura. Em torno dessas tensões é relevante discutir a reconstrução do território do Sairé.

## **2 O território no Sairé: A praça, o barracão e o sairódromo: o espaço de controle e poder**

O Sairé ocorria desde 1973 na Praça Sete de Setembro, local onde encenações se materializavam em procissão, “levantação” e “derrubação dos mastros”, danças folclóricas e vendas de alimentos e artesanatos. O ato religioso, constituído da ladainha, ocorria no barracão, construído todos os anos. O poder municipal, em 1996, entendeu que era necessário “melhorar” a Festa. Nesse sentido, o prefeito de Santarém sugeriu a transferência do Sairé para a nova praça, construída para acomodar o crescente número de visitantes e turistas que se deslocavam à Alter do Chão na época da festividade, como publicou o Jornal Gazeta, nesse ano:

*[...] segundo estimativa dos organizadores aproximadamente 40 mil pessoas estiveram no final de semana, prestigiando a maior manifestação folclórica da região. Este número poderia ser muito maior ainda, se as praias já houvessem aparecido nesta época.<sup>15</sup>*

Esse dado divulgado pelo jornal a Gazeta, deve ser relativizado, pois, não há um registro mais sistematizado do número de visitantes e turistas presente na vila naquele ano, mas não há dúvida da expressiva quantidade de pessoas que se deslocavam para Alter do Chão no período da Festa. Segundo depoimento de Edilberto Ferreira a mudança do local foi sugestão do prefeito: “[...] prefeito Lira Maia nos convidou para uma reunião e disse que dispunha de um local pra fazer o Sairé. Foi um tumulto na comunidade todo mundo reclamou, porque tudo que é de primeira causa impacto”.<sup>16</sup> Assim, não foi tarefa fácil convencer parte dos comunitários a aceitarem a transferência da Festa para a nova praça. Elcio Amaral expressa esse momento conflituoso:

<sup>15</sup> Jornal Gazeta. Santarém, 18 a 24 de julho de 1996, p.7

<sup>16</sup> Informação fornecida por Edilberto Ferreira Costa, em Alter do Chão, em outubro de 2006.

*[...] nós tivemos que convencer parte da população a mudar o local porque lá na praça ficava todo mundo em pé, então o Lira Maia se dispunha a construir a Praça do Sairé, foi um corre, corre e respeitando todas as formas, dividindo claramente a Festa profana da Festa do Sairé, tanto que ficou um espaço para a barraca do Sairé como tradicionalmente era feito.*<sup>17</sup>

O governo municipal delimitava o espaço profano e religioso. A expressão “dividir claramente a Festa profana da Festa do Sairé”, indica o interesse da prefeitura em controlar a Festa profana, por isso, foi montado um espaço destinado às apresentações folclóricas, o sairódromo, administrado por agentes públicos municipais, responsáveis pela cobrança dos ingressos. Dona Lusía Lobato destaca em depoimento esse momento: “O povo da daqui se quiser pegar um bilhete tem que pegar uma fila grande pra ter direito de entrar. Se ele não fizer isso ele tem que entrar por aqui e pagar a entrada dele”.<sup>18</sup>

No discurso do governo municipal, a transferência do Sairé para a nova praça se justificou porque a Praça Sete de Setembro não comportava o número crescente de visitantes e turistas, pois segundo Elcio Amaral: “mudar o local porque na praça ficava todo mundo em pé e aqueles menos desavisados começavam a beber tanto e praticavam atos insuportáveis e não tinha condição da gente promover uma Festa de porte”<sup>19</sup>.

Na nova praça os espaços passaram a ser delimitados segundo seus respectivos sujeitos sociais. Os comunitários continuaram administrando o barracão, local onde ocorre o rito religioso e as barracas de vendas. Enquanto, o poder público municipal, ficou com sairódromo, onde são apresentadas as danças e o Festival dos Botos.

Analisando os discursos, percebe-se que a mudança de local parece não se justificar apenas porque a Praça sete de Setembro não comportava o número de visitantes e turistas que vinham prestigiar a Festa. Comunitários faziam outras leituras desse projeto da prefeitura e percebiam os interesses políticos. Na compreensão de Laudelino Sardinha a mudança do local estava vinculado à estratégia política:

*[...] não é importante para o governo manter o Sairé com cinco mil pessoas, ele quer o Sairé com 50 mil pessoas, porque é um evento que vai trazer o prefeito, vai trazer o vereador, vai trazer o deputado, vai trazer o governador, sabe então não interessa se vai perder a questão da tradição, a questão cultural.*<sup>20</sup>

<sup>17</sup> Informação fornecida por Elcio Amaral Sousa, em Alter do Chão, em outubro de 2006.

<sup>18</sup> Informação fornecida por Lusía Lobato, em Alter do Chão, em agosto de 2006.

<sup>19</sup> Informação fornecida por Elcio Amaral Sousa, em Alter do Chão, em outubro de 2006.

<sup>20</sup> Informação fornecida por Laudelino Sardinha, em Alter do Chão, em setembro de 2006.

Desse modo, é interessante problematizar o conceito de território entendido como “um campo de forças, as relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial”. (SOUZA, 2006, p. 97). A praça, o barracão e o sairódromo constituem em espaços concretos em que os sujeitos históricos constroem suas relações de poder. As tensões se afluíram entre lideranças locais e poder público porque a transferência da praça significou também o controle do novo território pela prefeitura.

Mas havia um inconveniente nesse propósito da prefeitura: Atrair muitos visitantes e turistas criava problemas estruturais. Alter do Chão não tinha espaço suficiente para acomodá-los, principalmente durante o dia, porque as programações da Festa só ocorriam à noite. Então o prefeito propõe a transferência do Sairé de julho para setembro. Segundo Elcio Amaral essa mudança justificou-se porque “[...] os cartazes retratavam a beleza daquela praia, com uma propaganda enganosa quando o cliente chegava, não tinha praia, tava submersa”.<sup>21</sup>

As lideranças locais não aceitavam a mudança do Sairé para setembro e segundo Marlison Vasconcelos, “[...] no começo houve muita polêmica, tentamos provar de toda a forma que ia ser o melhor”.<sup>22</sup> O prefeito condicionou o financiamento da Festa à mudança de local e data, como destaca Elcio Amaral, “[...] o Lira Maia fez algumas observações, podia abrir uma verba maior para fazer o Sairé e ele falou duas coisas, primeiro temos que ver um local, segundo nós temos que mudar a data”.<sup>23</sup> Essas alterações seguiam os interesses do poder público e escapava ao controle dos comunitários antigos. A transferência da Festa para setembro estava relacionada a interesses políticos, como afirma Laudelino Sardinha:

*Eu vejo que existe um interesse que o Sairé virasse show e fechasse uma campanha eleitoral. O Sairé era em julho; eu briguei, eu falei um dia que o pessoal pegar, vai ficar na véspera das eleições. E tiraram do mês de julho para setembro, exatamente quinze dias antes da eleição.*<sup>24</sup>

Analisando o discurso percebe-se que vila de Alter do Chão pode ser interpretada como centro de poder e adequá-la as novas necessidades, significava, dentre outras coisas, ampliar o seu potencial de atração. Segundo Geertz (1997, p. 184.), o centro de poder é o local onde acontece eventos que influenciam a vida da sociedade, portanto, os centros são espaços construídos socialmente. Vale analisar as estratégias articuladas pelos sujeitos sociais

---

<sup>21</sup> Informação fornecida por Elcio Amaral Sousa, em Alter do Chão, em outubro de 2006.

<sup>22</sup> Informação fornecida por Marlison Hélio Vasconcelos, em Alter do Chão, em outubro de 2006.

<sup>23</sup> Informação fornecida por Elcio Amaral Sousa, em Alter do Chão, em outubro de 2006.

<sup>24</sup> Informação fornecida por Laudelino Sardinha, em Alter do Chão, em setembro de 2006.

em torno da Festa e compreender a cultura como forma de luta, vinculada ao poder e a política, como expressa Laudelino Sardinha:

*[...] não é coisa isolada fazer cultura e fazer política [...] não existe essa separação, é um envolvimento muito forte, as pessoas que estão na frente da questão cultural tem influencia pra votar nesse ou naquele candidato então isso esta refletido na eleição.<sup>25</sup>*

A compreensão do depoente sobre cultura e política o fez perceber que ao atrair muitos visitantes, o Sairé foi vinculado à propaganda política e significava, dentre outras coisas, garantia de voto. O Jornal Santarém e Baixo Amazonas em sua manchete destaca as doações financeiras de candidatos a Festa:

*Hildegado Nunes, candidato a vice-governador e Jorge Hamad, suplente na chapa do candidato ao senado, Luis Otávio Campos, todos da coligação 'União pelo Pará', doaram os recursos, que foram repassados, simbolicamente, por dois dos mais antigos moradores de Alter-do-Chão.<sup>26</sup>*

O recurso doado foi de “R\$ 10 mil em dinheiro”<sup>27</sup> aos botos Tucuxi e Cor de Rosa que em 1998 ganharam expressividade no Sairé. Em entrevista ao Jornal Santarém e Baixo Amazonas, Hildegado Nunes, explicou que os botos “[...] são responsáveis por geração de empregos e renda do município”<sup>28</sup>. Porém, há de se considerar que a “geração de empregos” seja efêmera, pois a mobilização em torno da Festa ocorre uma vez ao ano e em outros momentos, principalmente, na época da cheia do rio Tapajós comunitários são obrigados a buscarem trabalho em outras localidades.

Outro aspecto relevante da manchete do Jornal é a grafia da palavra Sairé que a partir do governo do Joaquim Lira Maia foi grafado com Ç. Segundo Elcio Amaral, esta mudança na grafia justifica-se por que: “[...] vimos que seria marketing o Sairé com Ç [...] a Dra. Sonia Santiago pesquisou e defendeu a tese sobre Sairé com Ç”.<sup>29</sup> Em entrevista ao Jornal de Santarém e Baixo Amazonas em 1997, Socorro Santiago elogia a iniciativa das “autoridades” municipal ao discutirem junto com “comunidade” de Alter do Chão a “melhor forma de organizar” o Sairé, mas não explica a mudança na grafia. Dois anos depois, o prefeito Joaquim de Lira Maia patrocinou a publicação do trabalho da pesquisadora, intitulado “Çairé, uma festa na Amazônia”. Nesse material a palavra Sairé

<sup>25</sup> Informação fornecida por Laudelino Sardinha, em Alter do Chão, em setembro de 2006.

<sup>26</sup> Jornal Santarém e Baixo Amazonas de 12 a 18 de setembro de 1998, p. 4.

<sup>27</sup> Jornal Santarém e Baixo Amazonas, 1998, loc.cit.

<sup>28</sup> Jornal Santarém e Baixo Amazonas, 1998, loc.cit.

<sup>29</sup> Professora e mestra Socorro Santiago formada em letras e doutora em Artes esteve em Santarém em 1997.

aparece em negrito grafada com Ç, mas não há nenhuma referencia sobre o porquê da mudança da grafia. Compreende-se que “Çaire” constituía a “marca do governo”, porém, com o fim do mandato do prefeito e o início de outro governo municipal a palavra retorna a escrita anterior.

Retornando a questão do deslocamento da Festa para a nova praça percebe-se que as apresentações culturais da comunidade foram reorganizadas considerando as novas perspectivas do poder público municipal. Segundo Laurimar Leal “[...] o Lira Maia pediu pra gente ver o que a gente fazia lá em Alter do Chão, aí resolvemos levar a idéia daqui da cidade pra lá”<sup>30</sup>. Na visão do prefeito as danças da comunidade não eram adequadas ao novo momento, portanto, era preciso melhorá-las e transforma-las em atração turística, semelhante ao boi-bumbá de Parentins. A Coordenação compartilhava dessa idéia e articulava junto à prefeitura mudanças nas apresentações folclóricas. A “idéia” mencionada por Laurimar Leal, refere-se ao projeto dos botos que foi deslocado para o Sairé, é expressivo o depoimento de Marlison Vasconcelos sobre esse momento: “[...] a gente precisava ter naquele momento algo mais atrativo para o público, além das danças tradicionais, ter algo que chamasse também para a arte do Sairé.”<sup>31</sup>

Tendo como parâmetro o Festival de Parentins, a Coordenação, artistas locais e políticos forjaram um projeto cultural vinculado a indústria de entretenimento para atrair turistas e visitantes, nesse sentido, são incluídos nas apresentações folclórica os botos Tucuxi e Cor de Rosa, porém a disputa entre as duas agremiações só ocorreu em 1988 como informa o Jornal de Santarém “Uma das novidades deste ano será a adaptação do çairódromo para as torcidas organizadas na competição envolvendo os botos Tucuxi e Cor de Rosa”.<sup>32</sup> Dessa forma, as “danças tradicionais” de influencia indígena e africana criadas pelos comunitários na década de 1970 para animar os visitantes foram selecionadas de acordo com os interesses do poder público municipal.

Nessa perspectiva, a dança Cruzador Tupi, de origem indígena, deixou de ser apresentada no Sairé em 1997 e trouxe ressentimento entre os moradores antigos, ao perceberem a desvalorização das danças nativas em detrimento dos botos Tucuxi e Cor de Rosa, como lembra Sirvito Malaquias:

*[...] a brincadeira maior era o Cruzador Tupi, era uma embarcação nos tempos dos Portugueses, era um barco, aí tem Marinheiro, tem Capitão [...] Tem todos esses personagens. Ai a gente parou, nunca mais, foi o tempo que*

<sup>30</sup> Informação fornecida por, Laurimar Leal em Santarém, em novembro de 2006.

<sup>31</sup> Informação fornecida por Marlison Hélio Vasconcelos, em Alter do Chão, em outubro de 2006.

<sup>32</sup> Jornal de Santarém e Baixo Amazonas. Santarém, 22 a 28 de agosto de 1998, p. 04.

*apareceu outras coisas, foi desaparecendo, até hoje eu reclamo, sobre essa brincadeira que não deveria acabar.*<sup>33</sup>

As mudanças introduzidas no Sairé ocorreram intensamente na parte folclórica, danças antigas foram perdendo espaço na Festa, esta ganha outros significados quando transformada num movimento cultural vinculado à indústria de entretenimento o que provocou impacto no ritual religioso como lembra dona Maria Justa,

*Oh, meu Deus que não tem aquele tempo que a gente tinha né, aquela cerimônia que o Sairé merece, agora já é tudo ligeiro, foi essa mudança pra lá a gente quis voltar mais ficaram falando que não dava pra mudar porque já tinha todas essas coisas quantia de movimento [...].*<sup>34</sup>

O ressentimento dos moradores antigos, explica-se porque as atenções estavam mais direcionadas aos botos comprometendo o tempo reservado as programações no barracão, pois alguns comunitários responsáveis do ritual religioso também estavam envolvidos nas apresentações dos botos e nas vendas das barracas. Assim, relata Laudelino Sardinha, “diminuiu a participação do povo na parte religiosa, na parte tradicional do Sairé.”<sup>35</sup>

É relevante discutir a compreensão do depoente sobre cultura. A cultura é reelaborada, não existem “formas culturais como algo inteiro e coerente [...] ou inteiramente autênticas [...] são profundamente contraditórias, jogam com as contradições” (HALL, 2003, p. 256). Alter do Chão não pode ser entendido como lugar fechado em si, pois agrega diversos sujeitos sociais que reelaboram a cultura conforme suas necessidades e avaliam e reavaliam constantemente as interferências externas às suas manifestações culturais.

O moderno, o novo não significa destruição do antigo, do tradicional, porque os homens na luta pela sobrevivência criam e recriam maneiras de suprirem e negociarem suas necessidades, por isso, reelaboram suas estratégias de luta. O Festival dos Botos se constituiu no moderno e instigou tensões e alianças que se formaram em torno da Festa, mas são compreensíveis no contexto das produções culturais.

### **Considerações finais**

Tendo em vista os discursos dos sujeitos sociais analisados neste estudo, entende-se que a reconstrução do Sairé em 1973 constitui-se em um momento significativo para os moradores de Alter do Chão, que marcaram sua trajetória histórica afirmando sua identidade, ao retirarem do esquecimento uma prática cultural proibida pela Igreja.

<sup>33</sup> Informação fornecida por Sirvito Malaquias Ribeiro, em Alter do Chão, em setembro de 2006.

<sup>34</sup> Informação fornecida por Maria Justa Lima, em Alter do Chão, em outubro de 2006.

<sup>35</sup> Informação fornecida por Laudelino Sardinha, em Alter do Chão, em setembro de 2006.

Assim, compreendiam que a Festa fazia parte da história da comunidade, sendo organizada segundo suas tradições, em que o Conselho comunitário, juiz e juíza tinham poder e autoridade para administrá-la. No entanto, esse poder foi abalado em 1996 quando a prefeitura se apropriou de parte do Sairé e o reorganizou segundo interesses políticos e econômicos, fazendo a comunidade perceber que “não é coisa isolada fazer cultura e fazer política”<sup>36</sup>.

Dessa forma, os conflitos emergem em torno da Festa devido às mudanças implementadas pelo poder público municipal que interferiu na estrutura de poder da comunidade e transformou o Sairé em evento atraindo comerciantes, vendedores, barraqueiros, agências de turismo, entre outros que passaram a disputar espaços na Festa.

Nessa perspectiva, percebe-se que os conflitos entre as lideranças e o poder municipal estão relacionados à administração da Festa, visto que, a partir de sua ampliação e possibilidades de ganhos financeiros e políticos, os sujeitos sociais se articulam no sentido de manter ou ampliar suas relações de poder. O Sairé ganha, então, dimensões econômicas e políticas atraindo não apenas visitantes e turistas, mas também políticos que aproveitam da Festa para se projetarem.

Nesse contexto, cultura, poder, tradição e política se entrelaçam num momento em que os sujeitos sociais se confrontam e articulam alianças, transformando a Festa num espaço de poder. Essa trama em torno do Sairé mostra como o movimento da história pode ser percebido através das tensões entre o poder público e lideranças locais, em lutas pelo poder que se dilui em fragmentos e se desloca em várias direções, e é exercido por diversos sujeitos sociais.

## **Documentos pesquisados**

### **Artigos de jornais:**

Jornal de Santarém. Santarém, 15 de janeiro de 1972, p. 04.

Jornal de Santarém. Santarém, 31 de março de 1973 p. 04.

Jornal de Santarém. Santarém, 23 de junho de 1973, p. 03.

Jornal Gazeta. Santarém, 18 a 24 de julho de 1996, p.07.

Jornal de Santarém e Baixo Amazonas. Santarém, 28 de agosto, 1998, p. 04.

Jornal Santarém e Baixo Amazonas de 12 a 18 de setembro de 1998, p.04.

### **Documentação oral: Entrevistas**

Maria Justa. A introdução dos botos no Sairé. Alter do Chão: 2006. CD (30 mim.): digital.

Élcio Amaral Sousa. A introdução dos botos no Sairé. Santarém: 2006. CD (40 mim): digital.

Lusia dos Santos Lobato. A introdução dos botos no Sairé. Alter do Chão: 2006. CD (90 mim): digital.

Laudelino Sardinha. A introdução dos botos no Sairé. Alter do Chão: 2006. CD (40 mim): digital.

---

<sup>36</sup> Informação fornecida por Laudelino Sardinha, em Alter do Chão, em setembro de 2006.

- Sirvito Malaquias Ribeiro. A introdução dos botos no Sairé. Alter do Chão: 2006. CD (30 mim): digital.
- Edilberto. A introdução dos botos no Sairé. Alter do Chão: 2006. CD (50 mim.): digital.
- Marlison Hélio Vasconcelos: A introdução dos botos no Sairé. Alter do Chão: 2006. CD (45 mim): digital.
- Darcilei Viana de Vasconcelos: A introdução dos botos no Sairé. Alter do Chão: 2006. CD (30 mim.): digital.
- Mauro Vasconcelos. A introdução dos botos no Sairé. Alter do Chão: 2006. CD (50 mim): digita

## Referências

- BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- COSTA, Belarmino César G. da. Indústria Cultural: análise crítica e suas possibilidades de revelar ou ocultar a realidade. *In: Teoria Crítica e Educação: questão da formação cultural na escola de Frankfurt.* Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Ita, Amazonas.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- MIRA, Maria Celeste. As festas populares paulistas na era do entretenimento de massa. *In: Revista de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica.* São Paulo, nº. 28, p. 425-440, jun. 2004.
- SOUZA, Marcelo José Lopes. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In: Geografia: espaço e temas.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- THOMPSON, E.P. **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.